

CORPO-UNIVERSO E TERAPIA DE REPROCESSAMENTO GENERATIVO: CAMINHOS PARA A INTEGRAÇÃO MULTIDIMENSIONAL DO SER HUMANO

Roseli Paraguassu dos Santos

MAZA Assessoria Emocional/ Terapeuta TRG independente

Email para correspondência: contato.roseliparaguassu@gmail.com

RESUMO

Este artigo de revisão propõe uma leitura ampliada do ser humano como corpo-universo, questionando visões fragmentadas que separam corpo, mente, emoção, energia e espiritualidade. A partir de um diálogo transdisciplinar, o texto investiga de que modo a Terapia de Reprocessamento Generativo (TRG) pode ser compreendida como tecnologia terapêutica de integração multidimensional dos corpos — físico, etérico, emocional, mental e espiritual. Metodologicamente, trata-se de uma revisão narrativa, de caráter teórico-reflexivo, que articula contributos da neurociência afetiva, da psicologia integrativa, das epistemologias do sensível, das práticas energéticas e da literatura recente sobre a TRG. O objetivo central é sintetizar e reinterpretar este conjunto de saberes, oferecendo uma visão consolidada que permita compreender o corpo como portal de acesso à consciência e à educação emocional aplicada. O artigo percorre as diferentes dimensões do corpo, entendendo-as como campos interligados de memória, afeto, energia e significado, e, a partir daí, analisa a TRG e os seus cinco protocolos como uma prática que reorganiza memórias emocionais, regula o sistema nervoso, harmoniza o campo energético e favorece estados de presença e sentido existencial ampliado. Conclui-se que pensar a TRG como tecnologia de integração multidimensional dos corpos abre caminhos férteis para um modelo de cuidado em saúde que reconhece a pessoa como totalidade viva e em movimento. Ao mesmo tempo, sublinha-se a necessidade de futuras investigações que aprofundem, explorem empiricamente e expandam as hipóteses aqui delineadas.

Palavras-chave: corpo multidimensional; educação emocional; espiritualidade; saúde integral; consciência.

I. INTRODUÇÃO

A compreensão do ser humano — tal como tradicionalmente concebida pelas ciências biomédicas — tem sido marcada por uma abordagem dualista que fragmenta mente e corpo como instâncias separadas. Contudo, importantes contribuições da neurociência — que evidenciam a integração entre emoção e cognição (Damásio, 1994; Immordino-Yang, 2015) — da psicossomática, ao mostrar o impacto das experiências emocionais precoces sobre a regulação do sistema nervoso (Van der Kolk, 2015; Schore, 2019;) e da psicologia integrativa, que propõe uma abordagem relacional e experiencial do self (Fosha, 2000; Siegel, 2009) — desafiam esse paradigma, demonstrando que emoções, pensamentos e estados fisiológicos estão profundamente entrelaçados e operam de forma integrada e dinâmica.

Nesse contexto, expandem-se os estudos e práticas por abordagens transdisciplinares que reconhecem o ser humano como um sistema complexo e multidimensional, composto por diferentes camadas ou corpos — físico, etérico, emocional, mental e espiritual — em interação recíproca (Wilber, 2000; Goswami, 2000; Schlitz et al., 2007; Pristed, 2019). Embora tal perspectiva ainda ocupe lugar marginal nas epistemologias convencionais, ela encontra sustentação crescente em áreas como a psicologia transpessoal, (Varela et al., 2017), a epigenética comportamental (Lipton, 2021), as terapias integrativas (Josipovic, 2020) e a investigação internacional sobre estados ampliados de consciência (Schlitz et al., 2007), abrindo espaço para um diálogo mais amplo entre ciência, subjetividade e espiritualidade.

Partindo do corpo como interface sensível e viva entre a experiência interna e o mundo externo, este artigo propõe compreender a estrutura multidimensional do ser como chave para o cuidado integral. Nesse horizonte, a educação emocional deixa de ser concebida como mero conceito abstrato e passa a assumir o estatuto de prática concreta de autoconhecimento, autorregulação e reconexão com a própria essência interior (Gendlin, 1996; Pristed, 2019).

É precisamente nesse ponto que a Terapia de Reprocessamento Generativo (TRG), criada por Jair Soares dos Santos e desenvolvida no Instituto Brasileiro de Formação de Terapeutas (IBFT), se torna central para esta discussão. Estruturada em cinco protocolos — cronológico, somático, temático, futuro e de potencialização — a TRG integra contributos da neurociência afetiva, da psicoterapia corporal e da psicologia energética para reorganizar padrões emocionais disfuncionais, reativar recursos internos e facilitar processos de transformação profunda (Oliveira et al., 2024; Pereira Santos, R. P. *Corpo-universo e Terapia de Reprocessamento Generativo: Caminhos para a Integração Multidimensional do Ser Humano*. *Mentalis*, 2(4), 75-116, 2025).

et al., 2024). Embora amplamente reconhecida pela sua eficácia no campo emocional, a experiência clínica tem revelado que os seus efeitos ultrapassam essa camada, sugerindo uma atuação sobre diferentes níveis da experiência humana.

Assim, o presente artigo tem como finalidade explorar o corpo como portal de acesso às múltiplas dimensões do ser, articulando a educação emocional, os fundamentos da anatomia sutil e o contributo da TRG enquanto tecnologia terapêutica capaz de favorecer processos de integração multidimensional. Nessa perspectiva, o corpo é compreendido como um campo vivo — biológico, energético, simbólico e espiritual — onde se inscrevem movimentos de consciência, cura e transformação. (Wilber, 2000; Schlitz et al., 2007; Pristed, 2019).

II. AS DIFERENTES DIMENSÕES DO CORPO

1. O CORPO FÍSICO COMO UNIVERSO SENSÍVEL E SUA FUNDAMENTAÇÃO BIOQUÍMICA

Ao longo da história do pensamento ocidental, o corpo foi frequentemente reduzido à condição de máquina biológica — um mero suporte da mente ou um instrumento a ser disciplinado pela razão. Essa visão mecanicista, herdeira do paradigma cartesiano, fragmentou o saber sobre o ser humano e promoveu a cisão entre corpo, emoção e consciência (Foucault, 1979; Capra, 1996).

Contudo, nas últimas décadas, diversas correntes contemporâneas — tanto nas ciências como nas práticas terapêuticas integrativas — vêm resgatando uma visão mais ampliada do corpo: não como objeto, mas como sujeito, presença viva e dimensão essencial da experiência humana. (Bittencourt & Setenta, 2005) afirmam que “corpo e cultura estão imbricados, uma vez que é no corpo que se organizam, em primeira instância, os processos que transformam a informação em comunicação.”

Com base no conceito de corporeatividade proposto por (Rengel, 2007), que entende o ser humano como unidade indissociável de corpo-mente-emoção-razão-sensação, este artigo parte da hipótese de que o corpo é, em sua essência, um universo sensível — um campo vivo de percepção e expressão, onde se entrelaçam emoções, memórias, pensamentos e fluxos energéticos, compondo uma experiência humana integral e dinâmica.

A partir dessa premissa, torna-se possível refletir sobre a importância de reconhecermo-nos sob a lente de uma mundividência holística, na qual corpo e consciência não são entidades separadas, mas expressões simultâneas de uma mesma realidade vibracional. Essa perspectiva não é apenas filosófica ou espiritual: trata-se de uma imanência natural, onde o humano é parte ativa e integrada do universo que habita (Varela et al., 2017; Lipton, 2021).

Na complexidade bioquímica da vida, o corpo é o espaço onde a experiência se corporifica com mais intimidade. Nele, os processos neurosensoriais e emocionais se entrelaçam, traduzindo-se em células, sensações e movimentos sutis — uma interface viva entre mente, emoção e realidade física (Damásio, 2004; Fogel, 2009). Silva (2020, p. 24) traz reflexões profundas que dialogam com a proposta deste trabalho:

O corpo é a própria cultura. O corpo é a própria natureza. O corpo é a conexão do orum, céu, e aye, terra. O corpo é onde a dança acontece. Deixar as várias definições do corpo serem provisórias e/ou em movimento nos permite perceber que o corpo é conhecimento constante. Um sistema complexo de subjetividade, de objetividade, espiritualidade em atravessamentos recíprocos corpo e cultura, manifestando suas histórias, memórias e suas capacidades de redimensionar seus contextos.

Acrescenta-se que é através do corpo que nos expressamos no mundo — nele habitam e se manifestam os nossos pensamentos, sentimentos, atitudes e modos de ser. O corpo revela, mais do que representa, quem somos em essência (Gendlin, 1978).

Esse corpo que nos sustenta não apenas reage ao ambiente: ele sente-o, interpreta-o e traduz-o em linguagem própria — por vezes silenciosa, por vezes sintomática, mas sempre dotada de significado (Levine, 1997; van der Kolk, 2014). Silva (2020, p. 32) reforça esse ponto ao afirmar:

A relação com o mundo, conexão com a natureza é princípio da vida. Eles agem juntos, uma noção de constante, construções que movimentam a vida. A ancestralidade e a natureza esboçam o corpo conectado no fato de existir, em relação à diversidade que é parte de construção do corpo que sente o mundo. O

corpo dança, entrelaça-se em ações, junção para manter-se vivo. As forças da natureza precisam ser conectadas para que tenham vida.

A ciência contemporânea, especialmente nas áreas da neurociência afetiva, neuroplasticidade e psicossomática, aponta que experiências emocionais são registadas no corpo por meio de circuitos neurais, padrões musculares, alterações hormonais e respostas comportamentais (Levine, 1997; Damásio, 2004; van der Kolk, 2015). Nessa perspectiva, o corpo pode ser compreendido como um sistema de memória implícita — uma “memória viva” — que armazena não apenas eventos, mas estruturas afetivas profundas (Fogel, 2009; Siegel, 2010).

Essa conceção encontra ainda ressonância em saberes ancestrais e práticas espirituais como o Yoga, a Medicina Tradicional Chinesa, o Xamanismo, o Healing e as terapias vibracionais, nas quais o corpo é reconhecido como expressão direta da alma (Steiner, 2006; Pristed, 2019).

Ao compreendermos o corpo como um universo vivo e integrado, abrimos espaço para uma nova consciência sobre o cuidar, o educar e o curar — não apenas como práticas externas, mas como movimentos internos de reconexão com a totalidade que somos.

O corpo físico, enquanto expressão concreta da existência humana, é formado por estruturas moleculares organizadas em sistemas complexos e interdependentes. Hidrogénio (H), carbono (C), azoto/nitrogénio (N) e oxigénio (O) são os quatro elementos químicos que compõem aproximadamente 96% da massa do corpo humano (Alberts et al., 2010). Esses átomos formam moléculas orgânicas fundamentais — como proteínas, lípidos, hidratos de carbono e ácidos nucleicos — que sustentam a vida celular e os processos fisiológicos.

Do ponto de vista simbólico, esses quatro elementos químicos guardam relação direta com os quatro elementos arquetípicos da natureza — água, terra, fogo e ar — presentes em diversas tradições filosóficas, espirituais, religiosas e terapêuticas (Jung, 1964; Capra, 1996; Wilber, 2000). A água, símbolo das emoções e da fluidez, corresponde ao hidrogénio e ao oxigénio; a terra, símbolo da estabilidade e da matéria, corresponde ao carbono; o ar, relacionado ao movimento e à respiração, também se associa ao oxigénio e ao azoto; e o fogo, princípio da energia e da transformação,

manifesta-se nos processos metabólicos e bioenergéticos que ocorrem no corpo humano.

Essa correlação não é meramente metafórica. Ela aponta para uma visão integrativa, onde a biologia molecular e a sabedoria ancestral dialogam, revelando o corpo como síntese da natureza em movimento — uma perspetiva já explorada por diversos autores (Capra, 1996; Goswami, 2000; Wilber, 2000), constituído pelos mesmos elementos que formam rios, montanhas, florestas e estrelas. Tal compreensão reforça a ideia de que somos natureza — talvez a parte mais dissociada dela na cultura contemporânea, mas ainda assim profundamente enraizada nos seus ciclos, ritmos e substâncias.

O corpo físico humano é, portanto, um sistema dinâmico e altamente organizado: átomos ligam-se formando moléculas → moléculas agrupam-se formando células → células organizam-se em tecidos → tecidos estruturam os órgãos → os órgãos compõem sistemas → e os sistemas integram o organismo como um todo. Essa cadeia de inter-relações revela uma estrutura de complexidade crescente, mas também uma interdependência absoluta entre as partes, característica típica dos sistemas vivos (Capra, 1996).

Cada célula do corpo carrega a memória da totalidade. A composição atómica que forma os ossos, o sangue e os neurónios é a mesma que forma os elementos da crosta terrestre e da atmosfera. Do ponto de vista da física moderna, não há separação absoluta entre matéria e energia — tudo vibra em determinada frequência, e essa vibração organiza a matéria que chamamos corpo (Capra, 1996; Goswami, 2000). Isso convida-nos a considerar que, mesmo na sua densidade aparente, o corpo é também um campo de energia condensada e inteligência biológica.

A tabela periódica, que organiza os elementos conhecidos da matéria, mostra que as diferenças entre os materiais do universo derivam do número de protões e neutrões nos átomos que os compõem. Esse princípio, aparentemente técnico, revela uma chave essencial: a complexidade do mundo material nasce de variações quantitativas em estruturas básicas universais. Somos feitos do mesmo pó estelar — uma ideia que a astrofísica moderna reforça (Tyson, 2017) e que também encontra eco em visões integrativas do cosmos e do ser humano (Capra, 1996; Wilber, 2000).

Dessa forma, compreender o corpo físico é compreender a vida na sua dimensão biológica, energética e simbólica. O corpo é, ao mesmo tempo, um campo de forças

bioquímicas e um templo sensível, onde os elementos da natureza se reúnem para sustentar a experiência humana.

Assim, compreender o corpo físico é reconhecer que a vida material e a vida espiritual são expressões de uma mesma energia vital — princípio que nos conduz à dimensão etérica, onde essa força se manifesta como matriz da consciência e da vitalidade humana. Como expressa a tradição bantu no conceito de “Nkisi – forças da natureza” (Santos, 2008), o corpo pode ser visto como um “templo de forças vivas”, onde a matéria é habitada pelo espírito, e a forma serve como instrumento da consciência. Essa imagem reforça a noção de que o corpo não é apenas um objeto biológico, mas também um portal vivo entre o visível e o invisível, o físico e o espiritual, o terreno e o cósmico.

2. O CORPO ETÉRICO COMO MATRIZ VITAL

A tradição científica moderna, estruturada sobre métodos empíricos e evidências materiais, ainda não reconhece oficialmente a existência do corpo etérico como entidade mensurável. No entanto, diversos campos do saber — como o Ayurveda, a Medicina Tradicional Chinesa, a Antroposofia, o Espiritismo e abordagens contemporâneas de física quântica — oferecem perspectivas complementares, nas quais esse corpo sutil é compreendido como uma dimensão organizadora da vida, uma matriz energética e vibracional que sustenta, vitaliza e conecta o corpo físico aos campos mais sutis da consciência (Ubaldi, 1996; Chopra, 2001; Powell, 2002; Steiner, 2006).

Conhecido também como “corpo vital” ou “duplo etérico”, o corpo etérico atua como uma ponte dinâmica entre o visível e o invisível, o biológico e o energético, sendo responsável pela distribuição do fluido vital — energia organizadora da vida — por todo o organismo. Na Antroposofia, Rudolf Steiner descreve essa estrutura como a base dos processos de crescimento, regeneração e coesão funcional do corpo físico (Steiner, 2006). Na Ayurveda, ele é associado ao elemento Akasha (éter), o mais sutil dos cinco elementos, relacionado ao espaço, ao som e à vibração primordial (Lad, 2001).

A pesquisadora Isis Pristed (2019), ao propor uma anatomia energética em sua obra *Caminhos entre o invisível e o visível*, expõe que o corpo etérico surge antes mesmo da formação física do embrião, na fase da concepção, mantendo-se interligado ao corpo físico até a morte. Segundo ela, esse corpo sutil abriga uma vasta rede de centros e canais energéticos: sete chakras principais, 21 chakras secundários, cerca de Santos, R. P. *Corpo-universo e Terapia de Reprocessamento Generativo: Caminhos para a Integração Multidimensional do Ser Humano*. *Mentalis*, 2(4), 75-116, 2025.

50 pontos de emissão e recepção, além de oito correntes etéricas. Essa rede funciona como um sistema de comunicação entre a consciência e os múltiplos níveis da existência, canalizando energia e informação entre o mundo visível e os campos não físicos.

Do ponto de vista espiritualista, autores como Pietro Ubaldi (1996) e André Luiz (psicografado por Xavier, 2006) descrevem o corpo etérico como elo entre o espírito e a matéria, constituído por uma substância sutil denominada fluido cósmico universal — matéria-prima da criação, de onde se originam todas as formas vivas.

É no corpo etérico que se assenta a sensibilidade fluídica, permitindo ao ser humano captar impressões do ambiente, das pessoas e das dimensões invisíveis que o rodeiam (Ubaldi, 1996).

Essa compreensão conecta-se à noção de interdependência vibracional, presente em diferentes sabedorias ancestrais, abordagens integrativas e, mais recentemente, em interpretações da física quântica, que reconhecem a energia como base fundamental da realidade (Capra, 1996; Goswami, 2000; Chopra, 2001). A energia, em seu estado mais puro, é vibração — movimento dinâmico — e cada ser vibra em uma determinada frequência, que define sua interação com o mundo e com os outros. Nessa lógica, 1. energia é a substância fundamental do universo, 2. vibração é o movimento da energia em ação e 3. frequência é o padrão estável dessa vibração, que determina a qualidade da nossa conexão com o universo.

O corpo etérico, portanto, é moldado por pensamentos, intenções e emoções, funcionando como um campo sensível de registro e transmissão energética. Cada criação mental imprime uma marca vibracional nesse campo, afetando tanto a saúde quanto o ambiente. Como afirma Jacobson Trovão (2020), “O pensamento é uma força moldadora: ele imprime no fluido cósmico as marcas da nossa frequência interna, deixando vestígios nos lugares por onde passamos e nas pessoas com quem nos conectamos.”

A mente superior, nesse contexto, atua como um “QR Code energético”, decodificando a vibração do ser e conectando-o às frequências correspondentes do cosmos. Essa leitura é contínua — por ela atraímos experiências e conexões que ressoam com nosso campo vibracional (Capra, 1996; Goswami, 2000).

A medicina integrativa e a neurociência contemporânea vêm corroborando essas visões de forma crescente. Pesquisas sobre campos eletromagnéticos humanos e Santos, R. P. *Corpo-universo e Terapia de Reprocessamento Generativo: Caminhos para a Integração Multidimensional do Ser Humano*. *Mentalis*, 2(4), 75-116, 2025.

interações psicoemocionais têm demonstrado que experiências afetivas e cognitivas alteram o campo bioenergético, influenciando diretamente o funcionamento celular, os padrões hormonais e os mecanismos de autorregulação do organismo (Capra, 1996; Goswami, 2000; Chopra, 2001).

Diante disso, práticas como Reiki, Healing, meditação, dançaterapia, respiração consciente e o toque terapêutico têm se mostrado eficazes para fortalecer, limpar e harmonizar o corpo etérico — promovendo um realinhamento vibracional que favorece a saúde integral. (Capra, 1996; Goswami, 2000; Chopra, 2001; Pristed, 2019).

Ao reconhecermos o corpo etérico como uma matriz viva da consciência encarnada — elo sutil entre mente, emoção e realidade física (Wilber, 2000; Steiner, 2006) — ampliamos a compreensão da saúde para além da dimensão biológica. A partir dessa perspectiva, a cura não se limita à ausência de sintomas, mas manifesta-se como um processo de realinhamento vibracional da totalidade do ser — visível e invisível, físico e energético, racional e intuitivo.

E é justamente por ser campo de registro e expressão dos afetos que o corpo etérico se conecta diretamente ao corpo emocional, com o qual compartilha impressões, memórias e padrões de resposta. Assim, a próxima dimensão do nosso estudo nos convida a mergulhar nas paisagens do sentir: o corpo emocional.

3. O CORPO EMOCIONAL COMO CAMPO DE AFETOS E TRANSFORMAÇÃO INTERIOR

Se o corpo físico manifesta a densidade da existência e o corpo etérico organiza a vida em sua vibração vital, é no corpo emocional que residem os afetos, as memórias emocionais e os padrões relacionais que moldam nossa forma de estar no mundo (Damásio, 2004; Siegel, 2010). Esta dimensão, profundamente subjetiva, é responsável por registrar e processar as experiências afetivas que atravessam a vida — sejam elas agradáveis ou traumáticas.

O corpo emocional, também conhecido em algumas tradições como corpo astral, funciona como um campo vibrátil onde as emoções circulam, se acumulam e interagem com os demais níveis da estrutura multidimensional do ser. Trata-se de um corpo em constante movimento, sujeito às oscilações do desejo, do medo, da alegria, da raiva, da

culpa e de todos os matizes que compõem a vida emocional humana (Ubaldi, 1996; Wilber, 2000; Steiner, 2006).

Essa camada sutil é moldada tanto por vivências imediatas quanto por memórias emocionais profundas — muitas vezes inconscientes — que se estruturam desde a infância ou até antes, como propõem abordagens transgeracionais e espirituais (Jung, 1988). A psicossomática, a neurociência afetiva e a psicanálise já demonstraram que essas memórias não apenas residem na mente, mas se expressam no corpo, formando padrões de resposta que afetam a saúde, os relacionamentos e a maneira como interpretamos a realidade (Damásio, 2004; van der Kolk, 2015).

Nesse contexto, destaca-se também o Focusing, abordagem desenvolvida por Eugene Gendlin (1978), que propõe a escuta de um saber implícito no corpo — aquilo que ele denominou *felt sense*, ou “sensação sentida”. Trata-se de um processo de atenção gentil e progressiva ao campo interno, permitindo que emoções não totalmente nomeadas ou compreendidas revelem seus significados por meio de uma linguagem corporal subtil, pré-verbal e transformadora. Ao invés de interpretar ou controlar as emoções, o Focusing convida à presença com o que está vivo no corpo, favorecendo insights orgânicos e mudanças duradouras. Nesse sentido, o corpo emocional é reconhecido não apenas como reativo, mas como um lugar de sabedoria silenciosa, onde a consciência pode florescer por meio do acolhimento compassivo e da escuta encarnada.

Como campo de interação entre o mundo interno e externo, o corpo emocional tem papel fundamental na construção da identidade, na forma como nos percebemos e como nos vinculamos. Ele carrega não apenas nossas emoções pessoais, mas também registros coletivos, familiares e culturais que influenciam nossa sensibilidade e comportamento. “Não somos apenas o que sentimos, mas também o que herdamos sentir”, diria poeticamente a fenomenologia da emoção (Merleau-Ponty, 1994).

Nessa perspectiva, o corpo emocional é também um território de cura. A escuta profunda das emoções, a reestruturação de vivências traumáticas e o acolhimento das próprias sombras emocionais são caminhos possíveis para reintegrar partes fragmentadas do ser. Abordagens terapêuticas como a TRG, o Focusing, a constelação familiar, a terapia corporal, entre outras, reconhecem esse campo como essencial no processo de transformação psíquica e espiritual. Como afirma Gendlin (1996), em seu trabalho sobre Focusing, as emoções carregam uma inteligência própria, que quando escutada, conduz a insights orgânicos e mudanças duradouras.

Nesse sentido, o corpo emocional pode ser compreendido como um espaço de mediação entre o sofrimento e a consciência — entre o que sentimos e o que podemos curar (Fosha, 2000; Siegel, 2010).

Conforme as reflexões acima e à luz de estudos contemporâneos que exploram a interação entre emoção, corpo e energia (Fosha, 2000; Damásio, 2004; Siegel, 2010), o corpo emocional é entendido como um campo sensível e permeável às influências externas — vibrações de ambientes, pessoas e acontecimentos. Assim, o cultivo da presença, da respiração consciente e da auto-observação emocional torna-se essencial para manter esse campo limpo, nutrido e alinhado. As emoções não são “erros” do sistema, mas mensagens vivas que revelam necessidades não atendidas, feridas não integradas ou desejos profundos da alma.

Como podemos perceber a partir dessa perspectiva integrativa, ampliar a consciência sobre o corpo emocional implica reconhecer que não somos apenas reativos ao que nos acontece, mas cocriadores dos estados que habitamos (Wilber, 2000; Steiner, 2006). Essa compreensão convida a uma nova ética emocional — uma ecologia interna que acolhe, transforma e liberta. Quando nos responsabilizamos pelas nossas emoções, recuperamos o poder de escolher como nos posicionar diante da vida, rompendo com ciclos repetitivos de dor e cultivando estados de maior presença, compaixão e inteireza.

4. O CORPO MENTAL COMO DIMENSÃO DE SÍNTESE E INTEGRAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

A expressão do coração protege e reverbera infinitamente — Isis Pristed (2019, p. 54)

O corpo mental representa uma dimensão mais sutil e estruturante da anatomia energética humana, responsável pela organização dos pensamentos, crenças, imagens mentais e padrões cognitivos que moldam a forma como percebemos e interpretamos a realidade. Segundo Pristed (2019), trata-se de um campo vibracional que interage simultaneamente com os conteúdos emocionais do corpo astral e com níveis mais elevados da consciência, incluindo a intuição, a visão simbólica e estados ampliados de espiritualidade. Essa compreensão sugere que o corpo mental funciona como matriz de coerência entre pensamento, emoção e consciência superior.

Isis Pristed (2019) descreve o corpo mental como um campo de circulação energética que se manifesta predominantemente ao redor da cabeça, irradiando-se também para o plexo solar e o chakra cardíaco. A autora utiliza a metáfora do “lago espelhado” para representar o centro da cabeça — um espaço simbólico onde se refletem informações provenientes das múltiplas dimensões da consciência. Essa imagem remete à integração entre o pensamento lógico, associado à glândula pituitária, e o pensamento intuitivo, relacionado à glândula pineal, revelando uma inteligência não dual que sintetiza razão e intuição num único movimento de consciência.

Do ponto de vista da neurociência contemporânea, essa visão encontra paralelos em investigações sobre estados cerebrais associados à meditação, intuição e criatividade. Pesquisas de Davidson et al., (2003) e Newberg & Waldman (2010) evidenciam que práticas contemplativas promovem mudanças funcionais e estruturais em áreas como o córtex pré-frontal, o tálamo e o sistema límbico, promovendo maior autorregulação emocional e clareza cognitiva. Embora ainda pouco compreendida pela ciência convencional, a glândula pineal tem sido associada, em tradições espirituais, a estados de percepção ampliada — movimento interpretado por Dispenza (2017) como parte de um processo de neuroplasticidade espiritual.

A glândula pineal, tradicionalmente entendida como o “terceiro olho”, é descrita por Pristed (2019) como ponto de convergência entre as dimensões visíveis e invisíveis da consciência. Para a autora, a pineal funciona como antena sensível à luz e às frequências sutis, desempenhando papel integrador entre os hemisférios cerebrais e facilitando a recepção e decodificação de conteúdos intuitivos. A energia desse centro dialoga com o “lago de espelhos” da cabeça, onde razão e intuição se encontram para formar uma visão ampliada da realidade.

No ápice dessa estrutura energética encontra-se o chakra coronário, cuja configuração interna espelha as doze subdivisões do coração. Esse centro conecta o indivíduo à Fonte — princípio superior de consciência — não para negar a experiência terrena, mas para iluminá-la com sentido e orientação. Segundo Pristed (2019), essa ligação com a Fonte é profundamente singular e não se submete a dogmas externos; nasce do silêncio interior e da escuta da própria espiritualidade.

Na psicologia integrativa, especialmente nas tradições da Psicossíntese (Assagioli, 2008) e da Psicologia Transpessoal (Wilber, 2000), o corpo mental é compreendido como domínio onde se constroem identidades, crenças e imagens internas que orientam comportamentos e significações. Trata-se de um campo dinâmico
Santos, R. P. Corpo-universo e Terapia de Reprocessamento Generativo: Caminhos para a Integração Multidimensional do Ser Humano. Mentalis, 2(4), 75-116, 2025.

que organiza pensamentos, processa memórias e projeta possibilidades futuras. A qualidade das imagens mentais e das crenças estruturadas nesse campo determina o tom vibracional que se estende aos corpos emocionais e físico, influenciando diretamente a experiência vivida.

A física quântica, ao descrever a realidade como um conjunto de campos de probabilidade, oferece pano de fundo conceitual que permite compreender o corpo mental como espaço de colapso de possibilidades: é na mente que interpretamos, escolhemos e atribuímos significado. Para Goswami (2000), a consciência é a base da existência, o que sugere que os padrões mentais moldam diretamente a experiência vivida — argumento compatível com a ideia de que o corpo mental influencia o estado vibracional do ser.

Pristed (2019) diferencia emoção — movimento energético repetitivo e denso, frequentemente centrado no plexo solar — de sentimento, entendido como fluxo vibracional sutil ligado ao crescimento e à expansão pelo coração. Essa distinção reforça que o corpo mental não se opõe ao sentir; quando alinhado, funciona como canal de refinamento afetivo, transformando emoções densas em compreensão, sabedoria e presença. O coração, nesse contexto, é descrito como base do “esqueleto mental”, responsável por transmutar energias densas que, após refinadas, se expressam pela garganta e são discernidas pela glândula pineal. Essa visão encontra ressonância em estudos do HeartMath Institute (McCraty et al., 2015b), que identificam o coração como centro de inteligência que modula processos mentais, coerência fisiológica e estados emocionais.

Com base nas reflexões acima, o corpo mental pode ser compreendido como espaço de síntese das polaridades internas — onde a lógica encontra a intuição, onde o pensamento linear se entrelaça com a visão simbólica e onde o intelecto se abre ao mistério. A saúde dessa dimensão depende da qualidade dos pensamentos que cultivamos, da clareza das intenções que orientam a consciência e da capacidade de sustentar estados de silêncio, contemplação e escuta interior.

A meditação, como sublinham Pristed (2019), Davidson et al., (2003) e Newberg & Waldman (2010), é instrumento fundamental nesse processo. Para além de técnica, ela representa retorno consciente à Fonte — esse centro luminoso de onde emana a consciência. Meditar significa restaurar a integridade do corpo mental, sintonizando-o com frequências elevadas de sabedoria, presença e visão interior.

Assim, o corpo mental revela-se não apenas como campo de pensamentos, mas como ponte viva entre o visível e o invisível, entre o conhecido e o mistério. Ao cuidarmos das imagens internas, das crenças que estruturamos e da qualidade da energia mental que cultivamos, desencadeamos uma reorganização vibracional profunda — processo que impulsiona a jornada de autoconhecimento, a evolução do ser e a expansão espiritual.

5. O CORPO ESPIRITUAL – INTEGRAÇÃO COM A FONTE E O CAMPO UNIFICADO DA CONSCIÊNCIA

A dimensão espiritual do ser humano constitui o campo mais sutil, abrangente e silencioso da experiência existencial. Trata-se de uma instância que transcende crenças, filiações religiosas ou estruturas dogmáticas, manifestando-se como um estado de presença ampliada, alinhamento vibracional e integração com aquilo que muitas tradições denominam Fonte. Nesta abordagem, espiritualidade é compreendida como “a ressonância do divino da Fonte e da natureza em nós” (Pristed, 2019, p. 70), uma inteligência amorosa e silenciosa que pulsa no íntimo do ser (Wilber, 2000).

No corpo espiritual, a energia organiza-se não por estruturas densas, mas por padrões vibracionais que ressoam com o campo unificado da consciência. Pristed (2019) descreve essa frequência subtil como uma identidade vibracional única — percebida nos sistemas da aura, no sangue, nos ossos e nas células. Tal perspectiva dialoga com autores como Goswami (2000), Laszlo (2004), Capra (2006), que afirmam que a matéria, em última instância, é energia em vibração e informação em fluxo. Assim, o corpo espiritual atua como matriz organizadora dos corpos mais densos, orientando o movimento vital segundo uma lógica não linear e profundamente integrativa.

Na prática terapêutica do healing, essa dimensão espiritual é acessada através da escuta profunda, do silêncio e da meditação, num movimento de entrega à própria essência. A meditação atua como instrumento de sintonia entre o campo energético do indivíduo e a sua individualidade superior, facilitando a reintegração de fragmentos internos e o alinhamento com a Fonte (Pristed, 2019). Esta escuta sutil passa, sobretudo, pelo centramento no chakra do coração — ponto de equilíbrio das polaridades humanas e portal da dimensão espiritual.

Essas compreensões encontram respaldo na neurociência contemplativa, que demonstra como estados meditativos ativam circuitos cerebrais associados à Santos, R. P. *Corpo-universo e Terapia de Reprocessamento Generativo: Caminhos para a Integração Multidimensional do Ser Humano*. *Mentalis*, 2(4), 75-116, 2025.

compaixão, ao bem-estar e ao sentido de unidade (Davidson & Begley, 2012; McCraty et al., 2015a). Assim, o corpo espiritual não é apenas uma noção metafísica, mas um campo de influência bioenergética e psicoemocional que interage intensamente com os demais corpos da estrutura humana.

Na visão integrativa, a espiritualidade revela-se como fundamento da saúde ampliada. A relação com a Fonte, a centralidade do coração como eixo de equilíbrio e o contacto com a individualidade — instância sutil situada acima da cabeça — constituem pilares essenciais dessa dimensão (Pristed, 2019). Esses pilares não apenas sustentam processos de cura profunda, como também orientam o ser humano a viver de forma mais enraizada, sensível e alinhada com o movimento intrínseco da própria existência (Wilber, 2000; Assagioli, 2008).

Ao reconhecer que “a energia de cada um é soberana e deve seguir o movimento intrínseco do ser, com as suas particularidades, a sua integridade e a sua autoridade interna” (Pristed, 2019, p. 70), esta perspetiva convida a uma espiritualidade encarnada — vivida no corpo, na relação, no cotidiano. Num mundo marcado por fragmentação, sobrecarga informacional e desconexão interior, a reconexão com o corpo espiritual emerge como gesto fundamental de lembrança e cura.

A espiritualidade, nesse sentido, não é um fim, mas um campo de integração: une o visível e o invisível, o físico e o não físico, o eu e o cosmos. É neste campo que ocorre o verdadeiro salto quântico da consciência — reconhecer-se como parte de um universo vivo, pulsante e interligado, onde cada ser vibra como uma nota singular que contribui para a harmonia do todo. Assim, o corpo espiritual constitui-se como dimensão central na jornada de autoconhecimento, evolução do ser e expansão espiritual.

III. TRG COMO TECNOLOGIA DE INTEGRAÇÃO MULTIDIMENSIONAL DOS CORPOS

A TRG é habitualmente compreendida como uma abordagem voltada à reorganização emocional. Os estudos existentes descrevem sobretudo a sua atuação sobre camadas profundas da memória emocional e corporal, estruturada pelos cinco protocolos — cronológico, somático, temático, futuro e de potencialização — (Oliveira et al., 2024; Pereira et al., 2024). A reflexão desenvolvida neste artigo, porém, considera que processos de reorganização emocional frequentemente dialogam com camadas físicas, energéticas, cognitivas e espirituais do ser. Nesse horizonte, torna-se possível Santos, R. P. *Corpo-universo e Terapia de Reprocessamento Generativo: Caminhos para a Integração Multidimensional do Ser Humano*. *Mentalis*, 2(4), 75-116, 2025.

sugerir que intervenções como a TRG — embora formuladas a partir do âmbito emocional — possam, em determinados contextos clínicos e sob uma perspetiva integrativa, repercutir noutras dimensões da experiência humana, abrindo espaço para compreendê-la como tecnologia terapêutica com alcance que pode atravessar múltiplos níveis da experiência humana.

A educação emocional — entendida como um processo contínuo de alfabetização afetiva, escuta interna e reconciliação entre estados emocionais — constitui um pilar da saúde integral e da maturidade psíquica. Em um tempo marcado pelo stresse crónico, pela vulnerabilidade afetiva e pela crescente desconexão interior, práticas que favoreçam a autorregulação e a reconexão com o sentir tornam-se especialmente relevantes (Damásio, 2004; Siegel, 2010). Nesse cenário, a TRG encontra um terreno significativo de aplicação: ainda que amplamente reconhecida pela sua eficácia no domínio emocional, algumas descrições clínicas e reflexões teóricas sugerem que o processo de reorganização emocional promovido pela técnica pode articular-se com movimentos mais amplos do corpo, da energia, da mente e da consciência. Tal hipótese — aqui considerada em perspetiva exploratória — abre espaço para situar a TRG como uma prática com potencial efeito multidimensional, cuja compreensão ainda demanda investigação sistemática.

Nesse enquadramento, os cinco protocolos da TRG — cronológico, somático, temático, futuro e de potencialização — podem ser compreendidos como vias distintas de reorganização da memória, do corpo e da energia. Cada um deles parece incidir sobre densidades específicas do ser: o protocolo somático tenderia a atuar sobre a informação inscrita no corpo físico; o cronológico e o temático poderiam favorecer a reestruturação de padrões emocionais e narrativas internas; o protocolo de futuro sugeriria um impacto mais direto sobre o campo mental e intencional; e o de potencialização abriria espaço para níveis mais subtils de presença, coerência e percepção, frequentemente associados a experiências de natureza espiritual. Embora tais interpretações permaneçam no domínio das possibilidades teóricas, podem ser tomadas como hipóteses interpretativas que delineiam um horizonte fértil para pensar a TRG para além do seu enquadramento inicial, articulando-a com modelos que reconhecem a complexidade multidimensional da experiência humana.

Do ponto de vista neurobiológico, embora autores como Damásio (2004) e Siegel (2009) não abordem a TRG, as suas contribuições sobre neuroplasticidade, integração mente-corpo e reorganização afetiva oferecem um enquadramento teórico útil para

compreender como processos de reprocessamento emocional — semelhantes aos mobilizados pela TRG — podem favorecer a criação de novas conexões neuronais e a emergência de respostas mais adaptativas. De modo análogo, a teoria polivagal de Porges (2011), ainda que não faça referência à técnica, permite contextualizar a forma como intervenções que promovem segurança interna e autorregulação podem repercutir no sistema nervoso autônomo, ampliando a capacidade relacional e sustentando estados de maior equilíbrio fisiológico. Este conjunto de perspectivas não explica a TRG, mas fornece um horizonte conceitual que ajuda a situar, de forma exploratória, alguns dos fenômenos clínicos observados em práticas de reprocessamento emocional.

No que se refere às dimensões energéticas, obras como a de Pristed (2019), dedicadas à compreensão de campos subtils e da organização vibracional do corpo, não descrevem a TRG, mas oferecem referenciais úteis para interpretar certos relatos clínicos em que clientes mencionam sensações de alívio, “limpeza” ou maior circulação energética após o reprocessamento emocional. A partir desse enquadramento, torna-se possível considerar — ainda em plano conceptual — que intervenções como a TRG possam, em alguns casos, mobilizar conteúdos densificados e favorecer estados subjetivos de maior coerência vibracional. Trata-se de uma possibilidade teórica que permanece aberta ao diálogo entre clínica, experiência e investigação futura.

Na dimensão emocional, a TRG exerce alguns dos seus efeitos mais evidentes: reorganiza padrões afetivos, reestrutura impressões profundas e devolve ao indivíduo a capacidade de sentir com presença, sem colapsar ou dissociar. Emoções reprimidas ou congeladas tornam-se acessíveis e integráveis, favorecendo estados de maior clareza, leveza e liberdade interna. Estudos recentes apontam para a remissão significativa de sintomas como ansiedade, depressão, fobias, baixa autoestima e ideação suicida após ciclos consistentes de sessões (Oliveira et al., 2024).

No plano mental, alguns relatos clínicos indicam que processos de clarificação interna e reorganização cognitiva podem emergir ao longo do trabalho terapêutico com a TRG. Esses movimentos, quando observados, dialogam conceitualmente com perspectivas como as de Wilber (2000) e Steiner (2006), que discutem a integração entre razão, intuição e camadas mais amplas da consciência. Embora tais autores não façam referência à TRG, as suas propostas oferecem um horizonte interpretativo fecundo para pensar como determinadas práticas terapêuticas — ao promoverem maior coerência emocional e sensorial — podem abrir espaço para reorganizações cognitivas mais amplas. Assim, a articulação entre estes referenciais funciona aqui como suporte teórico

para compreender transformações subjetivas descritas em alguns processos clínicos, sem implicar correspondência direta entre as abordagens.

Por fim, no que diz respeito ao corpo espiritual, diferentes abordagens integrativas apontam que, quando as dimensões física, emocional e mental se reorganizam de forma mais harmoniosa, podem emergir estados de presença silenciosa, expansão intuitiva e aprofundamento do sentido existencial. Tais vivências, descritas por autores como Wilber (2000) e Pristed (2019) no âmbito das suas reflexões sobre unidade, consciência e orientação interior, oferecem um referencial útil para pensar como processos terapêuticos que promovem coerência interna podem criar condições para experiências subjetivas dessa natureza. Nesta perspectiva, a espiritualidade não é entendida como evasão do mundo, mas como aprofundamento da experiência de si — um refinamento da escuta interna que possibilita o acesso a significados mais subtils e a um modo de consciência que se percebe em diálogo com dimensões menos visíveis da experiência humana.

É nesse horizonte que a TRG pode ser situada: não como garantia de efeitos espirituais, mas como prática clínica que, ao favorecer reorganizações emocionais, cognitivas e energéticas, pode criar condições internas para que experiências de maior integração e sentido se tornem possíveis. Essa leitura mantém-se no campo das hipóteses interpretativas, alinhada com modelos que compreendem o ser humano como tessitura multidimensional e que reconhecem a complexidade dos processos subjetivos envolvidos na transformação terapêutica. Nessa perspectiva, a TRG apresenta-se como via potencial de reencontro com a essência — um gesto de retorno ao que, em cada pessoa, permanece silencioso, profundo e vivo.

Assim, a TRG pode ser compreendida não apenas como metodologia clínica, mas como uma via potencial de integração multidimensional. Trata-se de uma tecnologia terapêutica que, ao atuar simultaneamente sobre processos de memória, corpo, energia e consciência, pode contribuir para que o indivíduo recupere um ritmo vital mais coerente — biológico, emocional, mental e espiritual — abrindo espaço para modos de existência vividos com maior autenticidade, presença e profundidade.

Esta compreensão reforça a tese central deste artigo: o cuidado integral exige reconhecer o ser humano como totalidade viva — um campo de forças, memórias, energia e consciência em permanente movimento. A partir dessa perspectiva, intervenções como a TRG podem ser consideradas caminhos possíveis para favorecer o reencontro com essa unidade interna, na medida em que articulam processos Santos, R. P. *Corpo-universo e Terapia de Reprocessamento Generativo: Caminhos para a Integração Multidimensional do Ser Humano*. *Mentalis*, 2(4), 75-116, 2025.

emocionais, corporais, cognitivos e energéticos numa mesma dinâmica de reorganização.

Dessa perspetiva ampliada, torna-se possível conceber a TRG como uma tecnologia terapêutica com potencial multidimensional, capaz de dialogar com diferentes camadas da existência — corpo, emoção, mente, energia e espiritualidade — e de articulá-las, em certos contextos, num movimento integrado de transformação interna. A TRG pode ser interpretada como encarnação desse gesto sensório-conceitual que pensa com o corpo e reorganiza com a consciência, revelando, no próprio ato de sentir, um percurso de abertura e mudança. Como afirma Silva (2020, p. 17), “Nada que se escreva, fale, dance, experiencie está distante ou desassociado das experiências sensório-motoras e das elaborações conceituais conjuntamente. Trata-se de um ato sensório-conceitual, vivência do conceito no corpo”. À luz dessa reflexão, a TRG pode ser vista como expressão desse mesmo princípio: um processo no qual sentir, compreender e integrar deixam de operar como esferas separadas e passam a constituir um movimento contínuo de presença, coerência e maturação do ser — movimento que amplia o horizonte para pensar o cuidado integral e as dimensões profundas do desenvolvimento humano.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise proposta neste artigo evidenciou que compreender o ser humano a partir de uma perspetiva multidimensional — envolvendo as dimensões física, etérica, emocional, mental e espiritual — amplia significativamente o campo de reflexão sobre o cuidado integral. Tal abordagem permite integrar contributos da neurociência, da psicologia integrativa e das epistemologias do sensível, oferecendo um enquadramento mais abrangente para pensar saúde, subjetividade e desenvolvimento humano.

Nesse contexto, a Terapia de Reprocessamento Generativo (TRG) foi analisada como uma abordagem clínica que, embora tradicionalmente situada no campo emocional, apresenta potencial para favorecer reorganizações internas que dialogam com diferentes camadas da experiência humana. A literatura científica disponível, aliada a observações clínicas discutidas neste trabalho, sugere que a TRG pode contribuir para processos de integração que envolvem corpo, emoção, cognição, energia e sentido existencial — sem assumir, contudo, efeitos universais ou conclusões definitivas. Trata-

se de um campo promissor, que requer investigação empírica contínua e metodologicamente robusta.

Em síntese, o artigo procurou demonstrar que práticas terapêuticas que valorizam o corpo como lugar de expressão e transformação podem desempenhar papel relevante na educação emocional e no cuidado em saúde. Reconhecer o ser humano como totalidade dinâmica implica considerar não apenas sintomas e funções, mas também experiências, significados e processos de integração interna.

Espera-se que esta reflexão contribua para ampliar o diálogo entre ciência, prática clínica e abordagens integrativas, favorecendo uma compreensão mais complexa e humanizada dos processos de cura e desenvolvimento.

Que esta escrita-corpo possa servir como gesto de abertura.

Como quem dança com a vida, sabendo que dançar é escutar.

Como quem caminha com o invisível, sentindo que algo maior também nos
acompanha.

**BODY-UNIVERSE AND GENERATIVE REPROCESSING THERAPY:
PATHWAYS TO THE MULTIDIMENSIONAL INTEGRATION OF THE HUMAN
BEING**

Roseli Paraguassu dos Santos

MAZA Emotional Consultancy / Independent TRG Therapist

Correspondence email: contato.roseliparaguassu@gmail.com

ABSTRACT

This review article proposes an expanded reading of the human being as a body-universe, questioning fragmented views that separate body, mind, emotion, energy and spirituality. Through a transdisciplinary dialogue, the text investigates how Generative Reprocessing Therapy (TRG) can be understood as a therapeutic technology for the multidimensional integration of bodies — physical, etheric, emotional, mental and spiritual. Methodologically, this is a narrative review of a theoretical and reflective nature, articulating contributions from affective neuroscience, integrative psychology, epistemologies of the sensitive, energetic practices, and recent literature on TRG. The central objective is to synthesise and reinterpret this body of knowledge, offering a consolidated perspective that allows the body to be understood as a gateway to consciousness and applied emotional education. The article explores the different dimensions of the body, understanding them as interconnected fields of memory, affect, energy and meaning, and, from this standpoint, analyses TRG and its five protocols as a practice that reorganises emotional memories, regulates the nervous system, harmonises the energetic field and fosters states of presence and an expanded sense of existential meaning. It is concluded that conceiving TRG as a technology for the multidimensional integration of bodies opens fertile pathways towards a model of health care that recognises the person as a living totality in constant movement. At the same time, the need for future investigations that further deepen, empirically explore and expand the hypotheses outlined here is emphasised.

Keywords: multidimensional body; emotional education; spirituality; integral health; consciousness.

I. INTRODUCTION

The understanding of the human being — as traditionally conceived by the biomedical sciences — has been marked by a dualistic approach that fragments mind and body as separate instances. However, important contributions from neuroscience — which demonstrate the integration between emotion and cognition (Damasio, 1994; Immordino-Yang, 2015) — from psychosomatics, by revealing the impact of early emotional experiences on the regulation of the nervous system (Van der Kolk, 2015; Schore, 2019), and from integrative psychology, which proposes a relational and experiential approach to the self (Fosha, 2000; Siegel, 2009) — challenge this paradigm, showing that emotions, thoughts and physiological states are deeply intertwined and operate in an integrated and dynamic manner.

In this context, studies and practices grounded in transdisciplinary approaches have expanded, recognising the human being as a complex and multidimensional system, composed of different layers or bodies — physical, etheric, emotional, mental and spiritual — in reciprocal interaction (Wilber, 2000; Goswami, 2000; Schlitz et al., 2007; Pristed, 2019). Although this perspective still occupies a marginal position within conventional epistemologies, it finds growing support in fields such as transpersonal psychology (Varela et al., 2017), behavioural epigenetics (Lipton, 2021), integrative therapies (Josipovic, 2020) and international research on expanded states of consciousness (Schlitz et al., 2007), opening space for a broader dialogue between science, subjectivity and spirituality.

Starting from the body as a sensitive and living interface between inner experience and the external world, this article proposes an understanding of the multidimensional structure of being as a key to integral care. Within this horizon, emotional education ceases to be conceived as a merely abstract concept and comes to assume the status of a concrete practice of self-knowledge, self-regulation and reconnection with one's own inner essence (Gendlin, 1996; Pristed, 2019).

*It is precisely at this point that Generative Reprocessing Therapy (TRG), created by Jair Soares dos Santos and developed at the Brazilian Institute for the Training of Therapists (IBFT), becomes central to this discussion. Structured around five protocols — chronological, somatic, thematic, future-oriented and potentiation — TRG integrates contributions from affective neuroscience, body-based psychotherapy and energy psychology to reorganise dysfunctional emotional patterns, reactivate internal resources and facilitate processes of deep transformation (Oliveira et al., 2024; Pereira et al., Santos, R. P. *Corpo-universo e Terapia de Reprocessamento Generativo: Caminhos para a Integração Multidimensional do Ser Humano*. Mentalis, 2(4), 75-116, 2025.*

2024). Although widely recognised for its effectiveness in the emotional field, clinical experience has revealed that its effects go beyond this layer, suggesting an influence across different levels of human experience.

Thus, the purpose of this article is to explore the body as a gateway to the multiple dimensions of being, articulating emotional education, the foundations of subtle anatomy and the contribution of TRG as a therapeutic technology capable of fostering processes of multidimensional integration. From this perspective, the body is understood as a living field — biological, energetic, symbolic and spiritual — within which movements of consciousness, healing and transformation are inscribed (Wilber, 2000; Schlitz et al., 2007; Pristed, 2019).

II. THE DIFFERENT DIMENSIONS OF THE BODY

1. THE PHYSICAL BODY AS A SENSITIVE UNIVERSE AND ITS BIOCHEMICAL FOUNDATIONS

Throughout the history of Western thought, the body has often been reduced to the condition of a biological machine — a mere support for the mind or an instrument to be disciplined by reason. This mechanistic view, inherited from the Cartesian paradigm, fragmented knowledge about the human being and promoted a split between body, emotion and consciousness (Foucault, 1979; Capra, 1996).

However, in recent decades, several contemporary currents — both within the sciences and in integrative therapeutic practices — have recovered a more expansive view of the body: not as an object, but as a subject, a living presence and an essential dimension of human experience. Bittencourt and Setenta (2005) affirm that “body and culture are intertwined, since it is in the body that the processes which transform information into communication are first organised.”

Based on the concept of corporeality proposed by Rengel (2007), which understands the human being as an indivisible unity of body–mind–emotion–reason–sensation, this article advances the hypothesis that the body is, in its essence, a sensitive universe — a living field of perception and expression, in which emotions, memories, thoughts and energetic flows intertwine, composing an integral and dynamic human experience.

From this premise, it becomes possible to reflect on the importance of recognising ourselves through the lens of a holistic worldview, in which body and consciousness are not separate entities, but simultaneous expressions of the same vibrational reality. This perspective is not merely philosophical or spiritual; rather, it refers to a natural immanence, in which the human being is an active and integrated part of the universe they inhabit (Varela et al., 2017; Lipton, 2021).

Within the biochemical complexity of life, the body is the space where experience becomes most intimately embodied. In it, neurosensory and emotional processes intertwine, translating into cells, sensations and subtle movements — a living interface between mind, emotion and physical reality (Damasio, 2004; Fogel, 2009). Silva (2020, p. 24) offers profound reflections that resonate with the proposal of this work:

The body is culture itself. The body is nature itself. The body is the connection between orum, sky, and aye, earth. The body is where dance happens. Allowing the various definitions of the body to remain provisional and/or in movement enables us to perceive the body as constant knowledge — a complex system of subjectivity, objectivity and spirituality in reciprocal crossings of body and culture, manifesting their histories, memories and capacities to reshape their contexts.

It may be added that it is through the body that we express ourselves in the world — within it dwell and manifest our thoughts, feelings, attitudes and ways of being. The body reveals, rather than merely represents, who we are in essence (Gendlin, 1978).

The body that sustains us does not merely react to the environment: it feels it, interprets it and translates it into its own language — sometimes silent, sometimes symptomatic, but always endowed with meaning (Levine, 1997; van der Kolk, 2014). Silva (2020, p. 32) reinforces this point by stating:

Relationship with the world and connection with nature are principles of life. They act together, as a notion of constancy, constructions that set life in motion. Ancestry and nature outline the body as connected in the very fact of existence, in relation to the diversity that forms part of the construction of the body that feels the world. The body dances, intertwines in actions, joins together to remain alive. The forces of nature need to be connected to have life.

Contemporary science, especially in the fields of affective neuroscience, neuroplasticity and psychosomatics, indicates that emotional experiences are recorded in the body through neural circuits, muscular patterns, hormonal changes and

behavioural responses (Levine, 1997; Damasio, 2004; van der Kolk, 2015). From this perspective, the body can be understood as a system of implicit memory — a “living memory” — that stores not only events, but also deep affective structures (Fogel, 2009; Siegel, 2010).

This conception also resonates with ancestral knowledge systems and spiritual practices such as Yoga, Traditional Chinese Medicine, Shamanism, Healing practices and vibrational therapies, in which the body is recognised as a direct expression of the soul (Steiner, 2006; Pristed, 2019).

By understanding the body as a living and integrated universe, we open space for a new awareness of care, education and healing — not merely as external practices, but as inner movements of reconnection with the totality that we are.

The physical body, as the concrete expression of human existence, is formed by molecular structures organised into complex and interdependent systems. Hydrogen (H), carbon (C), nitrogen (N) and oxygen (O) are the four chemical elements that comprise approximately 96% of the mass of the human body (Alberts et al., 2010). These atoms form fundamental organic molecules — such as proteins, lipids, carbohydrates and nucleic acids — which sustain cellular life and physiological processes.

From a symbolic point of view, these four chemical elements bear a direct relationship to the four archetypal elements of nature — water, earth, fire and air — present in numerous philosophical, spiritual, religious and therapeutic traditions (Jung, 1964; Capra, 1996; Wilber, 2000). Water, a symbol of emotions and fluidity, corresponds to hydrogen and oxygen; earth, a symbol of stability and matter, corresponds to carbon; air, related to movement and respiration, is also associated with oxygen and nitrogen; and fire, the principle of energy and transformation, manifests itself in the metabolic and bioenergetic processes that occur in the human body.

This correlation is not merely metaphorical. It points to an integrative vision in which molecular biology and ancestral wisdom enter dialogue, revealing the body as a synthesis of nature in movement — a perspective explored by several authors (Capra, 1996; Goswami, 2000; Wilber, 2000). The human body is constituted by the same elements that form rivers, mountains, forests and stars. Such an understanding reinforces the idea that we are nature — perhaps the part most dissociated from it in contemporary culture, yet still profoundly rooted in its cycles, rhythms and substances.

The human physical body is therefore a dynamic and highly organised system: atoms bind to form molecules → molecules cluster to form cells → cells organise into tissues → tissues structure organs → organs compose systems → and systems integrate the organism. This chain of interrelations reveals a structure of increasing complexity, as well as an absolute interdependence among its parts — a characteristic feature of living systems (Capra, 1996).

Each cell of the body carries the memory of the whole. The atomic composition that forms bones, blood and neurons is the same as that which forms the elements of the Earth's crust and the atmosphere. From the perspective of modern physics, there is no absolute separation between matter and energy — everything vibrates at a certain frequency, and this vibration organises the matter we call the body (Capra, 1996; Goswami, 2000). This invites us to consider that, even in its apparent density, the body is also a field of condensed energy and biological intelligence.

The periodic table, which organises the known elements of matter, shows that the differences between materials in the universe derive from the number of protons and neutrons in the atoms that compose them. This seemingly technical principle reveals an essential key: the complexity of the material world arises from quantitative variations in universal basic structures. We are made of the same stardust — an idea reinforced by modern astrophysics (Tyson, 2017) and echoed in integrative views of the cosmos and the human being (Capra, 1996; Wilber, 2000).

In this way, to understand the physical body is to understand life in its biological, energetic and symbolic dimensions. The body is, at the same time, a field of biochemical forces and a sensitive temple, where the elements of nature come together to sustain human experience.

Thus, to comprehend the physical body is to recognise that material life and spiritual life are expressions of the same vital energy — a principle that leads us to the etheric dimension, where this force manifests as the matrix of human consciousness and vitality. As expressed in the Bantu tradition through the concept of Nkisi — “forces of nature” (Santos, 2008) — the body can be seen as a “temple of living forces”, in which matter is inhabited by spirit and form serves as an instrument of consciousness. This image reinforces the notion that the body is not merely a biological object, but also a living portal between the visible and the invisible, the physical and the spiritual, the earthly and the cosmic.

2. THE ETHERIC BODY AS A VITAL MATRIX

Modern scientific tradition, structured around empirical methods and material evidence, has not yet officially recognised the existence of the etheric body as a measurable entity. Nevertheless, several fields of knowledge — such as Ayurveda, Traditional Chinese Medicine, Anthroposophy, Spiritism, and contemporary approaches to quantum physics — offer complementary perspectives in which this subtle body is understood as an organising dimension of life: an energetic and vibrational matrix that sustains, vitalises and connects the physical body to the more subtle fields of consciousness (Ubaldi, 1996; Chopra, 2001; Powell, 2002; Steiner, 2006).

Also known as the “vital body” or “etheric double”, the etheric body functions as a dynamic bridge between the visible and the invisible, the biological and the energetic, and is responsible for the distribution of vital fluid — the organising energy of life — throughout the organism. In Anthroposophy, Rudolf Steiner describes this structure as the foundation of the processes of growth, regeneration and functional cohesion of the physical body (Steiner, 2006). In Ayurveda, it is associated with the element Akasha (ether), the most subtle of the five elements, related to space, sound and primordial vibration (Lad, 2001).

*Researcher Isis Pristed (2019), in proposing an energetic anatomy in her work *Paths between the Invisible and the Visible*, explains that the etheric body emerges even before the physical formation of the embryo, at the moment of conception, remaining interconnected with the physical body until death. According to her, this subtle body houses an extensive network of energetic centres and channels: seven main chakras, twenty-one secondary chakras, approximately fifty points of emission and reception, as well as eight etheric currents. This network functions as a communication system between consciousness and the multiple levels of existence, channelling energy and information between the visible world and non-physical fields.*

From a spiritualist perspective, authors such as Pietro Ubaldi (1996) and André Luiz (psychographed by Xavier, 2006) describe the etheric body as a link between spirit and matter, constituted by a subtle substance called the universal cosmic fluid — the raw material of creation, from which all living forms originate. It is within the etheric body that fluidic sensitivity is established, enabling the human being to perceive impressions from the environment, from other people and from the invisible dimensions that surround them (Ubaldi, 1996).

This understanding connects with the notion of vibrational interdependence, present in different ancestral wisdom traditions, integrative approaches and, more recently, in interpretations of quantum physics, which recognise energy as the fundamental basis of reality (Capra, 1996; Goswami, 2000; Chopra, 2001). Energy, in its purest state, is vibration — dynamic movement — and each being vibrates at a particular frequency that defines their interaction with the world and with others. Within this framework: (1) energy is the fundamental substance of the universe; (2) vibration is energy in motion; and (3) frequency is the stable pattern of that vibration, determining the quality of our connection with the universe.

The etheric body is therefore shaped by thoughts, intentions and emotions, functioning as a sensitive field for energetic registration and transmission. Every mental creation leaves a vibrational imprint in this field, affecting both health and environment. As Jacobson Trovão (2020) states, “Thought is a shaping force: it imprints upon the cosmic fluid the marks of our inner frequency, leaving traces in the places we pass through and in the people with whom we connect.”

In this context, the higher mind acts as an “energetic QR code”, decoding the vibration of the being and connecting it to corresponding frequencies within the cosmos. This reading is continuous — through it, we attract experiences and relationships that resonate with our vibrational field (Capra, 1996; Goswami, 2000).

Integrative medicine and contemporary neuroscience have increasingly corroborated these views. Research on human electromagnetic fields and psycho-emotional interactions has shown that affective and cognitive experiences alter the bioenergetic field, directly influencing cellular functioning, hormonal patterns and the organism’s self-regulation mechanisms (Capra, 1996; Goswami, 2000; Chopra, 2001).

Considering this, practices such as Reiki, Healing, meditation, dance therapy, conscious breathing and therapeutic touch have proved effective in strengthening, cleansing and harmonising the etheric body — promoting a vibrational realignment that supports integral health (Capra, 1996; Goswami, 2000; Chopra, 2001; Pristed, 2019).

By recognising the etheric body as a living matrix of incarnated consciousness — a subtle link between mind, emotion and physical reality (Wilber, 2000; Steiner, 2006) — we expand our understanding of health beyond the biological dimension. From this perspective, healing is not limited to the absence of symptoms, but manifests as a

process of vibrational realignment of the totality of the being — visible and invisible, physical and energetic, rational and intuitive.

And it is precisely because it is a field of registration and expression of affects that the etheric body connects directly with the emotional body, with which it shares impressions, memories and response patterns. Thus, the next dimension of our study invites us to immerse ourselves in the landscapes of feeling: the emotional body.

3. THE EMOTIONAL BODY AS A FIELD OF AFFECTS AND INNER TRANSFORMATION

If the physical body manifests the density of existence and the etheric body organises life through its vital vibration, it is within the emotional body that affects, emotional memories and relational patterns reside — shaping the way we exist in the world (Damasio, 2004; Siegel, 2010). This deeply subjective dimension is responsible for registering and processing the affective experiences that traverse life, whether pleasant or traumatic.

The emotional body, also known in some traditions as the astral body, functions as a vibrational field in which emotions circulate, accumulate and interact with other levels of the multidimensional structure of being. It is a body in constant movement, subject to oscillations of desire, fear, joy, anger, guilt and all the nuances that comprise human emotional life (Ubaldi, 1996; Wilber, 2000; Steiner, 2006).

This subtle layer is shaped both by immediate experiences and by deep emotional memories — often unconscious — structured from childhood or even earlier, as proposed by transgenerational and spiritual approaches (Jung, 1988). Psychosomatics, affective neuroscience and psychoanalysis have demonstrated that these memories do not reside solely in the mind, but are expressed in the body, forming response patterns that affect health, relationships and the way we interpret reality (Damasio, 2004; van der Kolk, 2015).

In this context, the Focusing approach, developed by Eugene Gendlin (1978), is particularly noteworthy. It proposes listening to an implicit bodily knowing — what he termed the felt sense. This is a process of gentle and progressive attention to the inner field, allowing emotions that are not yet fully named or understood to reveal their meanings through a subtle, pre-verbal and transformative bodily language. Rather than

interpreting or controlling emotions, Focusing invites presence with what is alive in the body, fostering organic insights and lasting change. In this sense, the emotional body is recognised not merely as reactive, but as a place of silent wisdom, where consciousness can flourish through compassionate presence and embodied listening.

As a field of interaction between the inner and outer worlds, the emotional body plays a fundamental role in the construction of identity, in how we perceive ourselves and how we relate to others. It carries not only our personal emotions, but also collective, familial and cultural imprints that influence our sensitivity and behaviour. “We are not only what we feel, but also what we have inherited to feel,” as the phenomenology of emotion might poetically suggest (Merleau-Ponty, 1994).

From this perspective, the emotional body is also a territory of healing. Deep listening to emotions, the restructuring of traumatic experiences and the welcoming of one’s own emotional shadows are possible paths towards reintegrating fragmented parts of the self. Therapeutic approaches such as TRG, Focusing, family constellations, body-based therapies, among others, recognise this field as essential in processes of psychological and spiritual transformation. As Gendlin (1996) affirms in his work on Focusing, emotions carry an intelligence of their own which, when listened to, leads to organic insights and lasting change.

In this sense, the emotional body can be understood as a mediating space between suffering and consciousness — between what we feel and what we are able to heal (Fosha, 2000; Siegel, 2010).

Considering the reflections above and contemporary studies exploring the interaction between emotion, body and energy (Fosha, 2000; Damasio, 2004; Siegel, 2010), the emotional body is understood as a sensitive field, permeable to external influences — the vibrations of environments, people and events. Thus, the cultivation of presence, conscious breathing and emotional self-observation becomes essential to keep this field clear, nourished and aligned. Emotions are not “errors” of the system, but living messages that reveal unmet needs, un-integrated wounds or deep desires of the soul.

As we can perceive from this integrative perspective, expanding awareness of the emotional body implies recognising that we are not merely reactive to what happens to us, but co-creators of the states we inhabit (Wilber, 2000; Steiner, 2006). This understanding invites a new emotional ethic — an inner ecology that welcomes,

transforms and liberates. When we take responsibility for our emotions, we recover the power to choose how we position ourselves in relation to life, breaking repetitive cycles of pain and cultivating states of greater presence, compassion and wholeness.

4. THE MENTAL BODY AS A DIMENSION OF SYNTHESIS AND INTEGRATION OF CONSCIOUSNESS

“The expression of the heart protects and reverberates infinitely.” — Isis Pristed (2019, p. 54)

The mental body represents a more subtle and structuring dimension of human energetic anatomy, responsible for the organisation of thoughts, beliefs, mental images and cognitive patterns that shape how we perceive and interpret reality. According to Pristed (2019), it is a vibrational field that interacts simultaneously with the emotional contents of the astral body and with higher levels of consciousness, including intuition, symbolic vision and expanded states of spirituality. This understanding suggests that the mental body functions as a matrix of coherence between thought, emotion and higher consciousness.

Isis Pristed (2019) describes the mental body as a field of energetic circulation that manifests predominantly around the head, also radiating towards the solar plexus and the heart chakra. The author uses the metaphor of the “mirrored lake” to represent the centre of the head — a symbolic space in which information from multiple dimensions of consciousness is reflected. This image evokes the integration between logical thought, associated with the pituitary gland, and intuitive thought, related to the pineal gland, revealing a non-dual intelligence that synthesises reason and intuition in a single movement of consciousness.

From the perspective of contemporary neuroscience, this view finds parallels in investigations into brain states associated with meditation, intuition and creativity. Research by Davidson et al. (2003) and Newberg and Waldman (2010) shows that contemplative practices promote functional and structural changes in areas such as the prefrontal cortex, the thalamus and the limbic system, fostering greater emotional self-regulation and cognitive clarity. Although still little understood by conventional science, the pineal gland has been associated, in spiritual traditions, with expanded states of perception — a movement interpreted by Dispenza (2017) as part of a process of spiritual neuroplasticity.

The pineal gland, traditionally understood as the “third eye”, is described by Pristed (2019) as a point of convergence between the visible and invisible dimensions of consciousness. For the author, the pineal functions as an antenna sensitive to light and subtle frequencies, playing an integrative role between the cerebral hemispheres and facilitating the reception and decoding of intuitive content. The energy of this centre dialogues with the “lake of mirrors” of the head, where reason and intuition meet to form an expanded vision of reality.

At the apex of this energetic structure lies the crown chakra, whose internal configuration mirrors the twelve subdivisions of the heart. This centre connects the individual to the Source — a higher principle of consciousness — not to deny earthly experience, but to illuminate it with meaning and orientation. According to Pristed (2019), this connection with the Source is profoundly singular and not subject to external dogmas; it arises from inner silence and the listening of one’s own spirituality.

In integrative psychology, particularly within the traditions of Psychosynthesis (Assagioli, 2008) and Transpersonal Psychology (Wilber, 2000), the mental body is understood as the domain in which identities, beliefs and inner images are constructed, guiding behaviours and meaning-making. It is a dynamic field that organises thoughts, processes memories and projects future possibilities. The quality of the mental images and beliefs structured in this field determines the vibrational tone that extends to the emotional and physical bodies, directly influencing lived experience.

Quantum physics, by describing reality as a set of probability fields, offers a conceptual background that allows the mental body to be understood as a space of the collapse of possibilities: it is in the mind that we interpret, choose and assign meaning. For Goswami (2000), consciousness is the basis of existence, suggesting that mental patterns directly shape lived experience — an argument consistent with the idea that the mental body influences the vibrational state of the being.

*Pristed (2019) distinguishes emotion — a repetitive and dense energetic movement, often centred in the solar plexus — from feeling, understood as a subtle vibrational flow linked to growth and expansion through the heart. This distinction reinforces that the mental body does not oppose feeling; when aligned, it functions as a channel of affective refinement, transforming dense emotions into understanding, wisdom and presence. The heart, in this context, is described as the base of the “mental skeleton”, responsible for transmuting dense energies which, once refined, are expressed through the throat and discerned by the pineal gland. This view resonates Santos, R. P. *Corpo-universo e Terapia de Reprocessamento Generativo: Caminhos para a Integração Multidimensional do Ser Humano*. Mentalis, 2(4), 75-116, 2025.*

with studies from the HeartMath Institute (McCraty et al., 2015b), which identify the heart as a centre of intelligence that modulates mental processes, physiological coherence and emotional states.

Based on these reflections, the mental body can be understood as a space of synthesis of internal polarities — where logic meets intuition, where linear thought intertwines with symbolic vision, and where intellect opens itself to mystery. The health of this dimension depends on the quality of the thoughts we cultivate, the clarity of the intentions that guide consciousness, and the capacity to sustain states of silence, contemplation and inner listening.

Meditation, as highlighted by Pristed (2019), Davidson et al. (2003) and Newberg and Waldman (2010), is a fundamental instrument in this process. Beyond technique, it represents a conscious return to the Source — the luminous centre from which consciousness emanates. To meditate is to restore the integrity of the mental body, attuning it to elevated frequencies of wisdom, presence and inner vision.

Thus, the mental body reveals itself not merely as a field of thoughts, but as a living bridge between the visible and the invisible, between the known and the mystery. By caring for our inner images, the beliefs we structure and the quality of the mental energy we cultivate, we trigger a profound vibrational reorganisation — a process that propels the journey of self-knowledge, the evolution of the being and spiritual expansion.

5. THE SPIRITUAL BODY – INTEGRATION WITH THE SOURCE AND THE UNIFIED FIELD OF CONSCIOUSNESS

The spiritual dimension of the human being constitutes the most subtle, encompassing and silent field of existential experience. It is an instance that transcends beliefs, religious affiliations or dogmatic structures, manifesting as a state of expanded presence, vibrational alignment and integration with what many traditions call the Source. In this approach, spirituality is understood as “the resonance of the divine of the Source and of nature within us” (Pristed, 2019, p. 70), a loving and silent intelligence that pulses at the core of being (Wilber, 2000).

In the spiritual body, energy is organised not through dense structures, but through vibrational patterns that resonate with the unified field of consciousness. Pristed (2019) describes this subtle frequency as a unique vibrational identity — perceived in the

systems of the aura, the blood, the bones and the cells. This perspective dialogues with authors such as Goswami (2000), Laszlo (2004) and Capra (2006), who affirm that matter is, ultimately, energy in vibration and information in flow. Thus, the spiritual body acts as an organising matrix of the denser bodies, guiding vital movement according to a non-linear and deeply integrative logic.

In healing practice, this spiritual dimension is accessed through deep listening, silence and meditation, in a movement of surrender to one's own essence. Meditation acts as an instrument of attunement between the individual's energetic field and their higher individuality, facilitating the reintegration of inner fragments and alignment with the Source (Pristed, 2019). This subtle listening occurs primarily through centring in the heart chakra — the point of balance of human polarities and a portal to the spiritual dimension.

These understandings are supported by contemplative neuroscience, which demonstrates how meditative states activate brain circuits associated with compassion, wellbeing and a sense of unity (Davidson & Begley, 2012; McCraty et al., 2015a). Thus, the spiritual body is not merely a metaphysical notion, but a field of bioenergetic and psycho-emotional influence that interacts intensely with the other bodies of the human structure.

From an integrative perspective, spirituality reveals itself as the foundation of expanded health. The relationship with the Source, the centrality of the heart as an axis of balance, and contact with individuality — a subtle instance situated above the head — constitute essential pillars of this dimension (Pristed, 2019). These pillars not only sustain processes of deep healing, but also guide the human being to live in a more grounded, sensitive and aligned way with the intrinsic movement of existence itself (Wilber, 2000; Assagioli, 2008).

By recognising that "each person's energy is sovereign and must follow the intrinsic movement of being, with its particularities, its integrity and its inner authority" (Pristed, 2019, p. 70), this perspective invites an embodied spirituality — lived in the body, in relationships and in everyday life. In a world marked by fragmentation, informational overload and inner disconnection, reconnection with the spiritual body emerges as a fundamental gesture of remembrance and healing.

Spirituality, in this sense, is not an end, but a field of integration: it unites the visible and the invisible, the physical and the non-physical, the self and the cosmos. It is within

this field that the true quantum leap of consciousness occurs — recognising oneself as part of a living, pulsating and interconnected universe, in which each being vibrates as a singular note contributing to the harmony of the whole. Thus, the spiritual body constitutes a central dimension in the journey of self-knowledge, the evolution of being and spiritual expansion.

III. TRG AS A TECHNOLOGY FOR THE MULTIDIMENSIONAL INTEGRATION OF THE BODIES

TRG is commonly understood as an approach focused on emotional reorganisation. Existing studies mainly describe its action on deep layers of emotional and bodily memory, structured through five protocols — chronological, somatic, thematic, future-oriented and potentiation (Oliveira et al., 2024; Pereira et al., 2024). The reflection developed in this article, however, considers that processes of emotional reorganisation frequently dialogue with physical, energetic, cognitive and spiritual layers of the being. Within this horizon, it becomes possible to suggest that interventions such as TRG — although formulated within the emotional domain — may, in certain clinical contexts and from an integrative perspective, reverberate across other dimensions of human experience, opening space to understand it as a therapeutic technology whose reach may traverse multiple levels of experience.

Emotional education — understood as a continuous process of affective literacy, inner listening and reconciliation between emotional states — constitutes a pillar of integral health and psychological maturity. In a time marked by chronic stress, affective vulnerability and growing inner disconnection, practices that foster self-regulation and reconnection with feeling become especially relevant (Damasio, 2004; Siegel, 2010). Within this context, TRG finds meaningful ground for application: although widely recognised for its effectiveness in the emotional domain, some clinical descriptions and theoretical reflections suggest that the emotional reorganisation promoted by the technique may articulate with broader movements of body, energy, mind and consciousness. This hypothesis — here considered from an exploratory perspective — opens space to situate TRG as a practice with potential multidimensional effects, whose understanding still requires systematic investigation.

Within this framework, the five TRG protocols — chronological, somatic, thematic, future-oriented and potentiation — may be understood as distinct pathways for the

reorganisation of memory, body and energy. Each appears to act upon specific densities of being: the somatic protocol tending to address information inscribed in the physical body; the chronological and thematic protocols facilitating the restructuring of emotional patterns and internal narratives; the future protocol suggesting a more direct impact on the mental and intentional field; and the potentiation protocol opening space for more subtle levels of presence, coherence and perception, often associated with experiences of a spiritual nature. Although these interpretations remain within the domain of theoretical possibilities, they may be taken as interpretative hypotheses that delineate a fertile horizon for thinking about TRG beyond its initial framework, articulating it with models that recognise the multidimensional complexity of human experience.

From a neurobiological perspective, although authors such as Damasio (2004) and Siegel (2009) do not address TRG, their contributions on neuroplasticity, mind–body integration and affective reorganisation offer a useful theoretical framework for understanding how emotional reprocessing processes — similar to those mobilised by TRG — may favour the creation of new neural connections and the emergence of more adaptive responses. Similarly, Porges' (2011) polyvagal theory, although not referring to the technique, helps contextualise how interventions that promote inner safety and self-regulation may impact the autonomic nervous system, expanding relational capacity and supporting states of greater physiological balance. This set of perspectives does not explain TRG, but provides a conceptual horizon that helps situate, in an exploratory way, some of the clinical phenomena observed in emotional reprocessing practices.

Regarding energetic dimensions, works such as that of Pristed (2019), dedicated to understanding subtle fields and the vibrational organisation of the body, do not describe TRG, but offer useful references for interpreting certain clinical reports in which clients mention sensations of relief, “cleansing” or increased energetic circulation following emotional reprocessing. From this framework, it becomes possible to consider — still at a conceptual level — that interventions such as TRG may, in some cases, mobilise densified contents and favour subjective states of greater vibrational coherence. This remains a theoretical possibility, open to dialogue between clinical practice, experience and future research.

At the emotional level, TRG exerts some of its most evident effects: it reorganises affective patterns, restructures deep impressions and restores to the individual the capacity to feel with presence, without collapse or dissociation. Repressed or frozen emotions become accessible and integrable, fostering states of greater clarity, lightness

and inner freedom. Recent studies point to significant remission of symptoms such as anxiety, depression, phobias, low self-esteem and suicidal ideation after consistent cycles of sessions (Oliveira et al., 2024).

At the mental level, some clinical reports indicate that processes of inner clarification and cognitive reorganisation may emerge throughout therapeutic work with TRG. These movements, when observed, conceptually dialogue with perspectives such as those of Wilber (2000) and Steiner (2006), which discuss the integration between reason, intuition and broader layers of consciousness. Although these authors do not refer to TRG, their proposals offer a fertile interpretative horizon for thinking about how certain therapeutic practices — by promoting greater emotional and sensory coherence — may open space for broader cognitive reorganisations. Thus, the articulation between these references functions here as theoretical support for understanding subjective transformations described in some clinical processes, without implying direct correspondence between the approaches.

Finally, regarding the spiritual body, different integrative approaches suggest that when the physical, emotional and mental dimensions reorganise more harmoniously, states of silent presence, intuitive expansion and deepening of existential meaning may emerge. Such experiences, described by authors such as Wilber (2000) and Pristed (2019) in their reflections on unity, consciousness and inner orientation, offer a useful reference for considering how therapeutic processes that promote internal coherence may create conditions for subjective experiences of this nature. From this perspective, spirituality is not understood as an escape from the world, but as a deepening of self-experience — a refinement of inner listening that enables access to subtler meanings and to a mode of consciousness perceived as being in dialogue with less visible dimensions of human experience.

It is within this horizon that TRG may be situated: not as a guarantee of spiritual effects, but as a clinical practice which, by favouring emotional, cognitive and energetic reorganisations, may create inner conditions for experiences of greater integration and meaning to become possible. This reading remains within the field of interpretative hypotheses, aligned with models that understand the human being as a multidimensional tapestry and recognise the complexity of the subjective processes involved in therapeutic transformation. From this perspective, TRG presents itself as a potential pathway for reconnecting with essence — a gesture of return to that which, in each person, remains silent, deep and alive.

Thus, TRG may be understood not only as a clinical methodology, but as a potential pathway of multidimensional integration. It is a therapeutic technology that, by acting simultaneously on processes of memory, body, energy and consciousness, may contribute to the individual's recovery of a more coherent vital rhythm — biological, emotional, mental and spiritual — opening space for modes of existence lived with greater authenticity, presence and depth.

This understanding reinforces the central thesis of this article: integral care requires recognising the human being as a living totality — a field of forces, memories, energy and consciousness in constant movement. From this perspective, interventions such as TRG may be considered possible pathways for fostering a reconnection with this inner unity, insofar as they articulate emotional, bodily, cognitive and energetic processes within a single dynamic of reorganisation.

From this expanded perspective, it becomes possible to conceive TRG as a therapeutic technology with multidimensional potential, capable of dialoguing with different layers of existence — body, emotion, mind, energy and spirituality — and of articulating them, in certain contexts, within an integrated movement of inner transformation. TRG may be interpreted as the embodiment of this sensorial-conceptual gesture that thinks with the body and reorganises through consciousness, revealing, in the very act of feeling, a pathway of openness and change. As Silva (2020, p. 17) states, "Nothing that is written, spoken, danced or experienced is distant from or dissociated from sensori-motor experiences and conceptual elaborations together. It is a sensorial-conceptual act, the living of the concept in the body." In light of this reflection, TRG may be seen as an expression of this same principle: a process in which feeling, understanding and integrating cease to operate as separate spheres and become a continuous movement of presence, coherence and maturation of being — a movement that broadens the horizon for thinking about integral care and the profound dimensions of human development.

IV. FINAL CONSIDERATIONS

The analysis proposed in this article has shown that understanding the human being from a multidimensional perspective — involving physical, etheric, emotional, mental and spiritual dimensions — significantly broadens the field of reflection on integral care. Such an approach allows for the integration of contributions from neuroscience,

integrative psychology and epistemologies of the sensitive, offering a more comprehensive framework for thinking about health, subjectivity and human development.

Within this context, Generative Reprocessing Therapy (TRG) was analysed as a clinical approach which, although traditionally situated within the emotional field, presents potential for fostering internal reorganisations that dialogue with different layers of human experience. The available scientific literature, combined with clinical observations discussed in this work, suggests that TRG may contribute to integrative processes involving body, emotion, cognition, energy and existential meaning — without, however, assuming universal effects or definitive conclusions. This is a promising field that requires ongoing and methodologically robust empirical investigation.

In summary, this article sought to demonstrate that therapeutic practices which value the body as a place of expression and transformation can play a relevant role in emotional education and health care. Recognising the human being as a dynamic totality implies considering not only symptoms and functions, but also experiences, meanings and processes of internal integration.

It is hoped that this reflection will contribute to expanding dialogue between science, clinical practice and integrative approaches, fostering a more complex and humanised understanding of healing and development processes.

May this body-writing serve as a gesture of openness.

Like one who dances with life, knowing that to dance is to listen.

Like one who walks with the invisible, sensing that something greater also walks with us.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS/REFERENCES

- Alberts, B., Johnson, A., Lewis, J., Raff, M., Roberts, K., & Walter, P. (2010). *Biologia molecular da célula* (5.ª ed.). Artmed.
- Assagioli, R. (2008). *Psychosynthesis: A psychology of the spirit*. Theosophical Publishing House.
- Bittencourt, L., & Setenta, J. (2005). *Corpo e cultura: Linguagens e sentidos*. EDUFBA.

- Capra, F. (1996). *O ponto de mutação: A ciência, a sociedade e a cultura emergente*. Cultrix.
- Capra, F. (2006). *A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos* (11.ª ed.). Cultrix.
- Chopra, D. (2001). *Saúde perfeita: A cura pela medicina ayurvédica*. Rocco.
- Damásio, A. R. (1994). *Descartes' error: Emotion, reason and the human brain*. Putnam.
- Damásio, A. R. (2004). *Em busca de Espinosa: Prazer e dor na ciência dos sentimentos*. Companhia das Letras.
- Davidson, R. J., & Begley, S. (2012). *The emotional life of your brain*. Hudson Street Press.
- Davidson, R. J., Kabat-Zinn, J., Schumacher, J., Rosenkranz, M., Muller, D., Santorelli, S. F., & Sheridan, J. F. (2003). Alterations in brain and immune function produced by mindfulness meditation. *Psychosomatic Medicine*, 65(4), 564–570. <https://doi.org/10.1097/01.PSY.0000077505.67574.E3>
- Dispenza, J. (2017). *Breaking the habit of being yourself: How to lose your mind and create a new one*. Hay House.
- Fogel, A. (2009). *Body sense: The science and practice of embodied self-awareness*. W. W. Norton & Company.
- Fosha, D. (2000). *The transforming power of affect: A model for accelerated change*. Basic Books.
- Foucault, M. (1979). Vigiar e punir: Nascimento da prisão. Vozes.
- Gendlin, E. T. (1978). *Focusing: How to gain direct access to your body's knowledge*. Bantam Books.
- Gendlin, E. T. (1996). *Focusing-oriented psychotherapy: A manual of the experiential method*. Guilford Press.
- Goswami, A. (2000). *O universo autoconsciente: Como a consciência cria o mundo material*. Cultrix.
- Immordino-Yang, M. H. (2015). *Emotions, learning, and the brain: Exploring the educational implications of affective neuroscience*. W. W. Norton & Company.

- Josipovic, Z. (2020). Nondual awareness and minimal phenomenal experience. *Frontiers in Psychology*, 11, Article 2087. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.02087>
- Jung, C. G. (1964). *O homem e seus símbolos*. Nova Fronteira.
- Jung, C. G. (1988). *Aion: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Vozes.
- Lad, V. (2001). *Ayurveda: The science of self-healing*. Lotus Press.
- Laszlo, E. (2004). *Science and the Akashic field: An integral theory of everything*. Inner Traditions.
- Levine, P. A. (1997). *Waking the tiger: Healing trauma*. North Atlantic Books.
- Lipton, B. (2021). *The biology of belief: Unleashing the power of consciousness, matter & miracles* (Revised. ed.). Hay House.
- McCraty, R., Atkinson, M., & Bradley, R. T. (2015a). *Science of the heart* (2nd ed.). HeartMath Institute.
- McCraty, R., Atkinson, M., Tomasino, D., & Bradley, R. T. (2015b). *The coherent heart: Heart-brain interactions, psychophysiological coherence, and emerging areas of intuition research*. HeartMath Institute.
- Merleau-Ponty, M. (1994). *Fenomenologia da percepção*. Martins Fontes.
- Newberg, A., & Waldman, M. R. (2010). *How God changes your brain*. Ballantine Books.
- Oliveira, S. R. L., Lima-Verde, J. B., & Santos, J. S. (2024). A Terapia de Reprocessamento Generativo (TRG): Uma abordagem natural e adaptativa para o tratamento em saúde mental. *Mentalis*, 1(1), 1–27.
- Pereira, A. G., Lima-Verde, J. B., & dos Santos, J. S. (2024). Exploring fibromyalgia: Insights from generative reprocessing therapy (TRG) for a comprehensive understanding of treatment and management. *Journal of Neurology & Stroke*, 14(1), 12–15. <https://doi.org/10.15406/jnsk.2024.14.00573>
- Porges, S. W. (2011). *The polyvagal theory: Neurophysiological foundations of emotions, attachment, communication, and self-regulation*. W. W. Norton & Company.
- Powell, A. E. (2002). *The etheric double*. Quest Books.
- Pristed, I. (2019). *Caminhos entre o invisível e o visível: O pequeno livro do healing* (1.^a ed.). Logos Centro Internacional de Desenvolvimento Humano.
- Santos, R. P. *Corpo-universo e Terapia de Reprocessamento Generativo: Caminhos para a Integração Multidimensional do Ser Humano*. *Mentalis*, 2(4), 75-116, 2025.

- Rengel, L. P. (2007). *Corponectividade: Comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação* [Tese de doutoramento, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://tede2.pucsp.br/handle/4933>
- Santos, A. J. G. (2008). *Terreiro Mokambo: Espaço de aprendizagem e memória do legado banto no Brasil*. Dissertação de mestrado, Universidade do Estado da Bahia.
- Schlitz, M. M., Vieten, C., & Amorok, T. (2007). *Living deeply: The art and science of transformation in everyday life*. New Harbinger Publications.
- Schore, A. N. (2019). *Right brain psychotherapy*. W. W. Norton.
- Siegel, D. J. (2009). *The mindful brain: Reflection and attunement in the cultivation of well-being*. W. W. Norton & Company.
- Siegel, D. J. (2010). *The mindful therapist: A clinician's guide to mindsight and neural integration*. W. W. Norton & Company.
- Silva, B. de J. (2020). *Opaxorô, Ofá e Oxê: Legado, narrativas de danças de Mestre King e Jorge Silva* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia].
- Steiner, R. (2006). *Theosophy: An introduction to the supersensible knowledge of the world and the destination of man* (Reprint ed.). Anthroposophic Press.
- Tyson, N. D. (2017). Astrofísica para apressados. Planeta do Brasil.
- Trovão, J. S. (2020). *Estudando “O Livro dos Médiuns” — Pensamento e mediunidade* [Vídeo]. YouTube. Abre o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ezWv8grbNBY>
- Ubaldi, P. (1996). *A grande síntese*. Pensamento.
- Van der Kolk, B. A. (2014). *The body keeps the score: Brain, mind, and body in the healing of trauma*. Viking.
- Varela, F., Thompson, E., & Rosch, E. (2017). *The embodied mind: Cognitive science and human experience* (Revised ed.). MIT Press.
- Wilber, K. (2000). *A theory of everything: An integral vision for business, politics, science and spirituality*. Shambhala.
- Xavier, F. C. (2006). Entre a terra e o céu (Espírito André Luiz). Federação Espírita Brasileira.
- Santos, R. P. *Corpo-universo e Terapia de Reprocessamento Generativo: Caminhos para a Integração Multidimensional do Ser Humano*. Mentalis, 2(4), 75-116, 2025.